

O contraponto existencial entre Leonardo Sciascia e suas personagens Candido e Calogero

Anne Caroline de Moraes Santos⁴⁷

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

O autor siciliano Leonardo Sciascia é conhecido pelos críticos italianos como aquele que viveu para a sua arte, a literatura, e fez dela uma forma de revelar as agruras vividas pelos italianos do Sul da Itália. Ele mesmo, tendo sido neto e filho de mineradores, viu de perto o que o desejo por poder poderia gerar em um país, ou em uma cidade. Suas narrativas revelam muito de seus conterrâneos como personagens "à espera de um autor"⁴⁸ que as transformassem nesses seres que habitam as páginas literárias. Collura, na biografia *Il maestro di Regalpetra*, salienta que seus romances e contos revelam a sua existência. Com base nisso, este artigo tem como objetivo estudar duas grandes personagens sciascianas, Candido, da obra *Candido overro un sogno fatto in Sicilia* (*Candido ou um sonho feito na Sicília*); e Calogero, do conto *L'antimonio* (*O antimônio*), e o contraponto existencial entre elas e o escritor Leonardo Sciascia.

Palavras-chave

Elementos Autobiográficos. Leonardo Sciascia. A construção da personagem.

⁴⁷ Professora dos cursos de Direito e de Letras da Universidade Veiga de Almeida (UVA) e de Língua Portuguesa e de Teoria Literária da Faculdade Integrada Hélio Alonso (FACHA). Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (2017); Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ (2012).

⁴⁸ Na cidade de Racamulto, onde nasceu Sciascia, há uma citação do autor que afirma serem seus conterrâneos personagens à espera de um autor, o que fez o autor siciliano, cuja inspiração para suas personagens adveio da observação de seu próprio povo.

1 Introdução

A leitura de dois grandes teóricos italianos estudiosos das obras e da vida do autor siciliano Leonardo Sciascia, Claude Ambroise e Giuseppe Traina, já nos aponta aquilo que estará também na voz de outros críticos italianos que dele se ocuparam e se ocupam, Matteo Collura e Antonio di Grado: os elementos autobiográficos presentes em duas personagens criadas por Leonardo Sciascia: Candido e Calogero.

Claude Ambroise, no artigo *Il libro nel libro (O livro no livro)*, afirma que, apesar de Sciascia não ter sido minerador, seu avô e pai foram, e de nem ter participado da Guerra da Espanha (mas ter presenciado muitos de seus conterrâneos partindo para a guerra), esses são temas que fizeram parte de sua vida e da construção de seu pensamento frente à realidade siciliana e italiana que a ele se apresentava. Ambroise é claro ao tratar da publicação de *L'antimonio* como a busca do autor em "relacionar a mineração siciliana e a guerra da Espanha, duas realidades do seu passado" (AMBROISE, 2011, p.35, tradução nossa). Calogero é o protagonista do conto *L'antimonio*, retirado da obra *Gli zii di Sicilia (Os tios da Sicília)*, publicada em 1958.

Assim como Ambroise, Traina é explícito ao afirmar que *Candido* (1977) se apresenta como um romance rico em elementos autobiográficos. Assim também fez Collura, biógrafo e amigo do autor, ao afirmar ser Candido o *alter ego* de Leonardo Sciascia. Collura (2007, p.155, tradução nossa) é categórico: "nada de sua existência será encontrado fora de seus romances, contos e textos". Candido surge de sua época como político, dos conflitos internos por ele enfrentados; além de retratar seu conflito com seu pai e o abandono afetivo da mãe. Traina (1994, p.29, tradução nossa) ainda aponta o "sofrimento das leituras escolares e o prazer da leitura livre; o fascismo e o estalinismo como problemas permanentes, presentes no embate entre fascistas e antifascistas, católicos e comunistas; a fidelidade juvenil a Gramsci e a impaciência com Marx" como marcas da semelhança entre Sciascia e Candido, além do amor pela França e pela Espanha, do amor à literatura e às simples e velhas coisas.

Para a elaboração de minha tese, cujo título é *O movimento para a formação em Candido e L'antimonio, de Leonardo Sciascia*, fui à Sicília e à cidade-natal do autor, Racalmuto, onde conheci a fundação Leonardo Sciascia, rica em cartas, textos, fotografias e documentos, e também amigos próximos, como o professor Antonio di Grado. Dessa

experiência, decidi escrever esse artigo para tratar do diálogo entre a vida de Sciascia e de suas personagens.

Esse artigo cai, sem dúvida, em umas das grandes questões da Teoria Literária, a relação entre autor e obra. Antoine Compagnon (2010) afirma haver três linhas de entendimento sobre o papel do autor para os estudos literários. A primeira, de cunho historicista e positivista, buscava o sentido dado pelo autor ao texto. Afrânio Coutinho (1968) chama de “biografismo literário” essa tendência de explicar a obra a partir da biografia de seu autor. A segunda linha, que advém do New Criticism, Formalismo e Estruturalismo, vê o texto como o centro dos estudos, e o autor, como afirma Roland Barthes, desaparece na escritura. Uma terceira linha percebe o diálogo entre esses elementos, autor, obra, contexto e leitor. Umberto Eco (1972) é um desses teóricos e críticos que veem o fenômeno literário a partir da tríade autor, obra e leitor, cada um com sua devida importância dentro desse “ato comunicativo”. O autor dá forma à obra que precisa ser interpretada, completada.

Mikhail Bakhtin (1992) aponta-nos a relação entre autor e personagem no processo de criação literária. Por não nascer de suas próprias forças, a personagem é criada pelo autor. Como o autor é um ser de sua época, histórico e temporal, haverá um dialogismo entre criador e criatura; mesmo que ela represente uma negação daquilo que pensa o autor, ele é o ponto de partida. Bakhtin (1992), no entanto, aponta o distanciamento entre autor e personagem como uma forma de o autor não se narrar a partir da personagem. Isso nem sempre ocorre, por isso, muitas obras literárias, explicitamente ou implicitamente, revelam episódios da vida do autor na construção da vida das personagens. É importante salientar que Bakhtin (1992) divide o autor em *pessoa* e *criador*. Esse primeiro é o ser social, já o segundo é o ser que vive na obra, como um traçado, pois é ele quem liga as partes e forma o todo da obra. Pensar nesse *autor-criador* em diálogo com o *autor-pessoa* é o objetivo desse artigo, não para explicar as obras por meio da biografia de Sciascia, mas para analisar como as vozes que viveram e formaram o autor Sciascia podem viver nas vozes que vivem e formam as suas personagens.

Em um muro de sua cidade-natal, como já mencionado, há uma frase de Sciascia que afirma serem os moradores de sua cidade como personagens à espera de um autor, ou seja, suas personagens tinham viva relação com aqueles seres que conviviam com ele e que observava em seu cotidiano. Por isso, seu amigo e biógrafo Matteo Collura afirmou que sua

existência vive em suas obras. Com base nisso, esse artigo almeja tratar desse diálogo autobiográfico entre autor e personagens, da ficcionalização de eventos biográficos nas obras aqui analisadas.

Movidos por essa perspectiva e conscientes da relação entre autor e personagem, uma vez que ele cria sua totalidade, abordaremos nesse artigo as marcas autobiográficas presentes nos protagonistas Candido, da obra *Candido ou um sonho feito na Sicília*, e Calogero, de *O antimônio*.

2 Candido como *alter ego* de Sciascia: família, viagem e política

Candido ou um sonho feito na Sicília conta-nos a trajetória do protagonista Candido que nasce em uma gruta, quando seus pais fugiam das metralhadoras inglesas e americanas, no dia em que os Aliados invadiam a Sicília e o fascismo começava sua derrocada. O jovem, desde muito novo, teve problemas com a família, sua mãe o abandonou ainda criança para viver com um americano; seu pai, cheio de rancor, não conseguia ter uma boa convivência com o filho e se suicidara tempos depois. O avô fascista não gostava do neto que, por sua vez, não o admirava em nada, exatamente por ser contra os ideais de Mussolini. Por outro lado, Candido admirava o comunismo pela sua ideia de compartilhamento, divisão, solidariedade e amor. Depois de se frustrar com o Partido Comunista, Candido viajou para a França com sua esposa e lá percebeu que o amor e a liberdade que enxergava no comunismo só era verdadeiro e possível com a arte e a literatura.

A partir desse pequeno esboço da trajetória de Candido, podemos notar quatro pontos principais comuns entre a vida do protagonista e a formação do próprio autor: primeiro, a relação conflituosa de Sciascia com sua família, principalmente com o pai e a mãe; segundo, sua aproximação, quando criança, do fascismo e sua posterior decepção; depois, o mesmo ocorre com o Comunismo, por mais que Sciascia fosse avesso à política, entrou no PC com o intuito de poder fazer algo pela Sicília. Como Candido, também se decepciona com o partido e o abandona. Por último, a viagem à França. Logo após sua saída do PC, nos anos em que escreveu *Candido*, Sciascia estava na França. Foi uma das viagens mais longas do autor; assim como também fez Candido após sua decepção com o partido.

Sciascia teve muitos problemas familiares. Sua mãe, após o nascimento de seu irmão, deixava claro sua predileção pelo filho caçula, tanto que não se opôs a ida de Sciascia para a casa do avô e das tias, sua justificativa foi ter mais espaço para a família, o que excluía Sciascia. São notórios, nas declarações e cartas do autor, poucos comentários sobre a mãe, foram suas tias que tomaram o espaço materno em seu coração. Amava sua tia Concetta. Em *Candido*, a empregada que cuidava da personagem como um filho, mais do que a própria mãe que o abandonara, possuía o mesmo nome, Concetta. Com Candido, não foi diferente, sua mãe, pouco tempo depois do nascimento do menino, interessou-se por um tenente americano e foi com ele para a América, deixando marido e filho sozinhos. O divórcio gerou repulsa entre os dois, principalmente porque o advogado Munafó, pai de Candido, acreditava que o menino era um bastardo, fruto do relacionamento entre sua mulher e o americano. O narrador não planta essa dúvida no leitor, deixa claro que Maria Grazia Munafó conheceu o americano depois do nascimento de Candido.

A empregada Concetta, diferente da tia de Sciascia, inspirava certa repulsa em Candido, por "seu sentimentalismo sufocante do matriarcado italiano" (TRAINA, 1994, p. 29, tradução nossa). Já a mãe, "pertencia à geração de mulheres sicilianas transformadas em mulheres modernas" (TRAINA, 1994, p.29, tradução nossa). Tanto uma como a outra representavam formas de Poder que o jovem Candido tentava manter longe para garantir sua liberdade interior. Traina ressalta que, para Sciascia, o matriarcado era uma forma de Inquisição, e Candido só garante um desenvolvimento pleno e sadio na vida adulta por ter se afastado de ambas as figuras maternas.

Os problemas familiares de Sciascia não terminaram com a rejeição da mãe, mas também de seu pai que não se dava bem com o filho. Eles eram totalmente diferentes: Sciascia, voltado para o teatro, cinema e literatura desde novo; seu pai, minerador, amante da caça, avesso aos estudos. Em virtude disso, o pai criticava-o pelas leituras, por ser tão diferente dele. Viveram afastados. Quem toma o lugar de seu pai é o avô, também Leonardo Sciascia. O autor deixou muito claro em suas cartas e memórias, reveladas pela biografia escrita por Collura, o quanto amava seu avô, o quanto o admirava por ter saído de uma vida miserável e passado a administrador da mina após alguns anos de estudo, por ser honesto e lutar por suas convicções e enfrentar quem quer que seja. O avô de Candido é o oposto do admirável Leonardo Sciascia avô, pois havia servido aos fascistas, admirava o partido de

Mussolini e via o seu fim com tristeza e melancolia. Como Candido nascera exatamente no dia em que os Aliados invadiram a Sicília, seu avô criara certo mal-estar e afastamento do menino.

Candido só encontrou diálogo com o padre Antonio, com quem conversava muito, também adepto das ideologias comunistas, e com quem entrara junto no partido. O padre é de suma importância para a formação do protagonista, pois as conversas, as contradições e discordâncias entre os dois foram importantíssimas para o processo de amadurecimento vivenciado por Candido. Além da empregada e do padre, temos sua mulher Francesca como figura importante na vida amorosa e familiar do protagonista, assim como teve Sciascia na figura de Maria Andronico, esposa apaixonada, amiga, que sabia respeitar o espaço do marido, seu jeito observador e questionador, seus dias e noites dedicados à literatura, como aponta Collura.

O nascimento de Leonardo Sciascia, em 1921, aconteceu um ano antes da Marcha sobre Roma, evento que marcou a ascensão do Partido Nacional Fascista e a nomeação de Benito Mussolini como chefe de governo. Nos anos seguintes à nomeação, Mussolini proibiu todos os partidos políticos e liberdades pessoais, formando, assim, a ditadura fascista.

O fascismo é um tema recorrente nas obras de Sciascia, exatamente por ter participado de sua infância, adolescência e parte da juventude. Sciascia tinha 22 anos quando os Aliados invadiram a Sicília. Quando ainda estava na escola, escutava o professor dizer que "o mundo invejava o fascismo, invejava Mussolini" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.65, tradução nossa). Ouvia também que todos deviam a Mussolini e ao fascismo pela Itália estar bem e organizada. Antes, para o seu professor, com os políticos mafiosos, tudo era violência, confusão e miséria.

Para Collura, esse pensamento se fundamenta no fato de a violência fascista ter sido branda na Sicília; criou-se, então, a ideia de que o fascismo trazia paz e organização à região, se comparado ao quadro de crimes e mortes realizados pelos mafiosos. Sciascia ouviu do monsenhor Giovanni Battista Peruzzo que "Mussolini é um homem mandado pela providência" (COLLURA, 2007, p.65, tradução nossa).

Ainda criança, exatamente por não ver em que realmente consistia o fascismo, Sciascia não possuía ainda juízos de valor sobre o regime. Seu pensamento se alternava entre a aceitação, a admiração e o desprezo. Isso ocorreu primeiro com o que ouvia das tias e das

empregadas contra Mussolini; segundo, com a imposição de se usar camisas negras na escola e uma *balilla* (chapéu negro); depois, com o advento da pena de morte em seu país; com a guerra da Etiópia; e, por último, com a Guerra da Espanha.

Sciascia era muito novo quando começou a ouvir falar do fascismo. As primeiras impressões foram negativas da família, principalmente das mulheres e depois na escola quando se via obrigado a usar roupas e chapéu negros (Sciascia odiava desde criança usar qualquer utensílio na cabeça), além de marchar com um fuzil de madeira nas mãos. Ele não se conformava com aquelas imposições, ficava entediado com aquela marcha. Tudo isso entrava em contradição com o que ouvia do professor em favor do fascismo e se questionava: como o fascismo poderia ser ao mesmo tempo bom e justo e nos obrigar a marchar e andar de preto? Seu tio conseguiu uma permissão para que Sciascia não precisasse se vestir de preto e marchar com os outros. Com esse acontecimento, o menino parou de pensar em Mussolini e em seu partido. Ele só volta a fazer isso quando se começa a falar em pena de morte na Itália.

Sobre a pena de morte, Sciascia (*apud* COLLURA 2007, p.78, tradução nossa) acreditava que o cárcere era a punição máxima que um homem poderia receber: "Sentenciar a morte assim friamente, em uma mesa, por meio da escrita [...], era algo que me inquietava, aquilo era para mim um verdadeiro trauma, era a morte a partir da escrita". O escritor amava a escrita e não aceitava que ela pudesse ser benigna, que pudesse ser usada a não ser para o bem.

Na obra *Porte aperte* (1987), Sciascia produz um livro manifesto contra a pena de morte. Quando o escritor e jornalista italiano Guido Piovene afirma que era a favor da pena de morte, Sciascia diz: "como um homem que sempre apreciei como escritor, pode dizer algo tão atroz? Como podia concordar com um instinto que todo ser humano que se diz civil deveria sufocar?" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p 79, tradução nossa). Antes do fascismo, não existia a pena de morte. Tal fato fez com que Sciascia visse de outra forma esse regime, percebesse sua força contra a liberdade e contra a dignidade. Conforme Collura (2007, p.79, tradução nossa), o ódio que se Sciascia construiu sobre o fascismo veio de um "processo lento e contraditório".

A guerra da Etiópia, por outro lado, suscitou em Sciascia um "patriotismo e uma momentânea aceitação do fascismo" (COLLURA, 2007, p.79, tradução nossa). Essa ideia,

afirma o próprio autor, veio de um estado de ânimo que via uma Itália condenada economicamente, assediada por outros países imperialistas, não menos colonialistas. Sciascia explica: "creio que agia em mim a respeito da guerra uma espécie de instinto de classe, o sentir-me parte de um povo pobre que os povos ricos queriam sufocar" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.79, tradução nossa).

Com a Guerra de Espanha, Sciascia passou a detestar o fascismo e, principalmente, Mussolini, que mandava italianos mortos de fome para morrer na guerra em outro país. Muitos iam porque o governo não conseguia lhes proporcionar uma vida digna e a guerra era vista como uma oportunidade de conseguir o básico para a família. O ódio pelo fascismo, a partir daí, só crescia mais: "e a pensar que existiam camponeses e artesãos da minha cidade, de cada parte da Itália, que morreriam pelo fascismo, me sentia cheio de ódio. Eles andavam pela fome. Conhecia-os. Não havia trabalho e o *duce* oferecia a eles o trabalho da guerra..." (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.97, tradução nossa).

Calogero, protagonista de *L'antimonio*, assim como Sciascia jovem, só sabia do fascismo pelo que lia nos jornais, sendo Mussolini o herói que havia transformado a Itália em um Império: "Mussolini fazia discursos que era uma delícia escutar" (SCIASCIA, 2009, p.186, tradução nossa). Com a experiência da guerra, ele passa a ter o mesmo entendimento que Sciascia sobre levar homens miseráveis para morrer numa guerra que eles nem ao menos entendiam o significado, apenas por necessidade.

A época em que viveu em Caltanissetta foi realmente um marco na vida do autor. Nesse momento, conhece Gino Cortese, um antifascista, que será retratado na obra *Le parrocchie di Regalpetra*, como C. Conhece-o na escola, não sabe bem como; mas achava o rapaz inteligente, de discurso preciso. Cortese começa a falar sobre suas atividades antifascistas. Sciascia é influenciado por outros seguidores do antifascismo, o professor Calogero Bonavia é um deles. O irmão de Sciascia não concordava com seus ideais e de seus amigos, era a favor do fascismo e achava que todos eles eram loucos.

Nessa época de busca pelo conhecimento sobre política, Sciascia lê sua primeira obra política: *O capital*, de Marx. Essa leitura o entediou. Assim como entediou Sciascia, como afirma Collura, entediou também Candido. Sua aproximação com o comunismo não ocorreu pela leitura de Marx, ele afirma muito claramente isso no romance, mas pela ideia de divisão e de compartilhamento trazida pela organização. O comunismo era

algo simples "como sentir sede e querer beber" (SCIASCIA, 1977, p.73, tradução nossa) e não tinha a ver com as teorias lidas por ele. O comunismo para Candido tinha a ver com amor e não se aprende nos livros a amar.

Candido, ao contrário de Sciascia, nasceu no momento em que o fascismo estava em declínio, no exato instante em que a Itália começava a ser atacada pelos Aliados. Esse acontecimento foi o marco zero de sua vida. Seu nome, caso tivesse nascido antes daquele dia, seria Bruno, nome do filho de Mussolini; recebeu o nome Candido por representar uma nova fase, um papel em branco à espera das próximas linhas a serem escritas. Seu avô era apaixonado pelo fascismo e vivia amargurado com a sua queda. Já Candido, detestava aqueles ideais racistas, injustos e violentos. O comunismo se apresentava para ele como o oposto a tudo aquilo, como a forma de recuperar a justiça e a igualdade em seu país.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Itália, em 2 de junho de 1946, tornou-se uma república. Este foi também o momento em que as mulheres italianas tiveram direito ao voto. O medo de uma possível tomada comunista fez com que os italianos, em sua maioria, votassem nos democratas-cristãos. Até 1960, com o Plano Marshall, o país cresceu economicamente. A partir dos anos 60, iniciou-se o período chamado "Anos de Chumbo", momento de crise econômica, de conflitos sociais e de massacres terroristas por grupos extremistas opostos, com o suposto envolvimento da inteligência dos Estados Unidos. Esses massacres resultaram no sequestro e assassinato do líder dos democratas-cristãos Aldo Moro. Nos anos 70 e 80, o quadro só piorava, a máfia siciliana matava cada vez mais advogados, juízes, generais e, em virtude disso, acreditava-se em uma coligação entre o grupo mafioso siciliano *Cosa Nostra* e os extremistas.

Em 1948, Sciascia tornou-se empregado do Consórcio Agrário de Racamulto. É com essa experiência que percebe como a justiça não era igual para todos. Ele observou que as coisas escritas podem mostrar a verdade como podem também escondê-la. Em virtude disso, era contra as idealizações, a unicidade política, as imposições das classes dominantes: a sua vida intelectual será uma ininterrupta briga com as duas 'igrejas', para ele, mentirosas: isto é, contra o partido que mais traiu os princípios e os ideais cristãos, a Democracia Cristã (DC), e aquele que mais traiu os princípios e os ideais de liberdade, o Partido Comunista Italiano (PCI).

Para ele, ambos os partidos utilizavam do princípio religioso e outro de liberdade para corromper, roubar e enganar. O primeiro partido é citado em alguns romances - em *Ciascuno il suo*, o padre corrupto e assassino é da DC. Já o segundo, está na obra *Candido: ovvero un sognofatto in Sicilia*. Candido se decepciona com o PCI ao perceber que os seus princípios não estavam relacionados à igualdade e à liberdade, mas à luxúria, à corrupção e à desigualdade. A desilusão política de Candido, sem dúvida, representa a desilusão política do autor, o que já evidencia a ligação autobiográfica entre as desilusões presentes na formação do autor e as desilusões sentidas pelas personagens: em *Candido*, a decepção com o partido; em *Calogero*, com a guerra.

O envolvimento de Sciascia com a política deu-se de forma mais intensa nos anos 70, até então, sempre recusou fazer parte de qualquer partido. Naquela época, discutia-se muito sobre o divórcio. Vale comentar o posicionamento do secretário do partido democrata-cristão Amintore Fanfani de que, se o divórcio fosse aceito, daqui a pouco o casamento entre homossexuais também o seria e que "sua mulher daqui a algum tempo o abandonará para ficar com uma menininha" (COLLURA, 2007, p.234, tradução nossa). O discurso de proteção à família tradicional era comum naquele período e se repete até hoje com relação aos casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Quando o divórcio é aprovado, Sciascia se sente encorajado, feliz com aquele ganho de liberdade. Nesse momento, o secretário do Partido Comunista Italiano siciliano convidou-o para se candidatar ao conselho municipal de Palermo. Depois de um mês de insistência, ele aceitou. As eleições ocorreram em 1975.

Em seu primeiro discurso, questionou uma tradição na Itália que via o escritor como um ser inatingível; na realidade, é um frágil e precioso imbecil. Afirmou odiar a frase "mas o que fez fazer parte disso?". Sua resposta: "ninguém, eu quis fazer parte disso"; "não temos nenhum interesse particular, nenhuma ambição particular e mesmo assim a fizemos. As coisas civis, os gestos civis se fazem quando nenhum interesse particular e pessoal, nenhuma ambição nos leva a fazê-la..." (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.237). Ninguém entendia a entrada de um escritor combatente das injustiças, da corrupção e da máfia na política.

Dinheiro? Ninguém podia acusá-lo de qualquer interesse financeiro nessa decisão, pois recusou o valor de cinco milhões da Editora Mondadori pelos direitos de seus

livros. Sua resposta foi *não*, "o que ganho basta", disse o autor. Por essa recusa, Collura (2007, p.274, tradução nossa) vai chamá-lo de "um 'cândido', escritor não catalogável". Candido, no romance, quis doar suas terras para o partido comunista construir um hospital, era um sujeito sem interesses econômicos, o que o assemelha aos ideais de Sciascia. Da mesma forma, Calogero, que se envergonha da pensão que ganhava após voltar mutilado da guerra.

Sobre a direita e a esquerda, ele confessou que o fato de ter sido sempre mais criticado pela esquerda do que pela direita mostra que "as diferenças de ideais são sempre mais duras entre os mais próximos do que entre os mais distantes". O fato de o PCI tê-lo chamado para fazer parte de sua lista, significava para o autor que "eles são um partido diferente, diferente da imagem construída no passado; diferente, sobretudo, da imagem que obstinadamente seus adversários fazem dele..." (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.238, tradução nossa). Fernando Gioviale, escritor e professor, afirma que Sciascia aproximou-se do PCI por acreditar em uma evolução comunista que superasse os ideais clericais e fascistas, além de auxiliar o país a provocar reais mudanças sociais em uma Sicília pobre, analfabeta, sufocada e miserável.

O Partido Comunista, com a presença de intelectuais como Sciascia, conseguiu mais cadeiras e mais respeito na Câmara. Sciascia via o partido como forma de diminuir o poder dos Democratas-Cristãos, a quem sempre lançou sérias acusações. O que ocorreu foi o contrário. Com mais poder, o PCI resolveu aderir aos ideais do DC, o que afastou por completo o escritor.

Collura (2007, p. 240, tradução nossa) questiona: "será que mudou mesmo?". Um ano e meio depois, Sciascia abandonou o partido definitivamente. Vale ressaltar mais uma vez que ele escreve Candido logo após esse episódio. Ele afirmou que, quando o PCI resolve fazer qualquer coisa junto com a DC, isso significa um verdadeiro desencontro. A sua candidatura almejava obter força municipal para fazer mudança, pois isso poderia ter consequências nacionais e se colocavam em polo oposto a qualquer decisão tomada pela DC. Porém, quando o conselho municipal foi assediado, o PCI resolveu fazer força de confronto em união com o DC. Não era algo coerente.

Depois desse episódio de união entre democratas e comunistas, os problemas enfrentados pela cidade não mudavam, o saneamento era tratado de forma incompreensível;

os problemas graves da água eram pouco discutidos. Então, para ele, essa união não lhe serviria para nada. Pelo contrário, essa união significava algo preocupante, a não existência de uma oposição. Resolveu sair, e foi sem desentendimentos. O desentendimento só ocorreu depois. Ele escreve um livro, libertador para ele e terrível para os comunistas, esse livro será *Candido*. Compreender a relação política de Sciascia com o partido comunista é, portanto, de vital importância para a leitura e análise de *Candido*.

Depois do rompimento, larga-se em uma grande solidão, pois muitos de seus amigos não aceitavam a posição de "sem política" tomada pelo siciliano. Italo Calvino foi um deles.

Antes de publicar *Il contesto*, era considerado um escritor bom e corajoso pelo PCI. Quando entrou na lista dos comunistas, era visto como grande escritor; quando saiu do partido, era visto como vilão. Nesse momento, percebeu ter perdido leitores de esquerda e ganhado leitores de direita. Collura declara que Sciascia, como Borges, Stendhal e Savinio, são daqueles escritores que escolhem leitores, afastando outros.

Podemos afirmar que Sciascia não foi um comunista e Emmanuele Macaluso, seu amigo, afirma isso na obra *Sciascia e os comunistas*. Sciascia não falava de Marx nem de Engels, nem defendia ideologias marxistas. Seu compromisso era com a verdade, com a justiça e com uma política que servisse bem ao povo e ao país. A relação que teve com o Partido Comunista foi acreditar que ele poderia ser uma forte oposição aos desmandos e injustiças do partido Democrata-Cristão que ele tanto repudiava. Com a união entre os dois, ele vê o Partido Comunista Italiano como um espelho do Partido Democrata-Cristão. Resolve sair.

Poucos anos depois, outros partidos o cortejaram e ele negou todas as vezes, exceto quando o pediu Marco Pannella, líder radical. Pannella o propôs algo que nenhum outro partido fez: seriam eles do partido a aderir aos ideais de Sciascia e não o contrário. O escritor se torna, nesse momento, candidato na lista dos radicais para as eleições nacionais e europeias de 3 a 10 de junho de 1979. A filha tenta convencer o pai a desistir, mas em vão. Sciascia explica a sua decisão:

enquanto Panella falava, eu pensava no diálogo por telefone entre Pasternak e Stalin para resolver a questão de Mandelstam, poeta que havia sido capturado. E uma noite toca o telefone. Pasternak atende e era Stalin. Falam sobre Mandelstam muito duramente da parte de Sciascia e depois, em um certo momento, Pasternak

diz: "Poderíamos nos encontrar". E para quê?, pergunta Stálin. "Mas", disse Pasternak, 'para falar da vida e da morte', e nesse momento percebe a ligação sendo interrompida. Stálin não queria falar da vida e da morte, isso é claro. Eu, no entanto, penso que seja necessário falar da vida e da morte neste país. E era justo que a pessoa a falar fosse eu, escritor de páginas que são muito próximas à ação, ao seu limite. Por isso a tentação de entrar na ação direta para mim é forte. (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.276, tradução nossa)

Por conceber a literatura como forma de ação, de construir personagens que são 'testemunhas do real' e tentam passar esse testemunho ao leitor, de fazê-lo ver, aproximar-se da verdade, Sciascia se movimentava a participar ativamente da política, agir como Sciascia-político.

O pintor italiano Renato Guttuso critica o posicionamento radical de Sciascia, e Collura diz que Sciascia estava disposto a sacrificar suas amizades pela busca à verdade.

Quanto ao político Giulio Andreotti, Sciascia o odiava "pelo seu maquiavelismo paranoico, pelo seu cinismo que herdou da cúria romana, o mesmo cinismo representado pelos sonetos de Belli e dos personagens de Alberto Sordi, pela miopia para o bem e a 'presbiopia' para o mal" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.278). Para ele, no governo de Andreotti, a corrupção italiana alcançou o seu máximo.

Nessas eleições, em 1979, Sciascia é eleito e vai a Roma. Fica fatigado com a fama, jornalistas querendo entrevistá-lo. Em seu primeiro discurso, fala da má administração do governo de seu país, considerado por ele fácil de se governar, com um povo paciente e resignado; afinal, como estão as estradas, os hospitais e toda a Itália, só podemos estar falando de um povo assim. Foi nesse período que entrou no inquérito sobre o caso Moro. No inquérito, nota o silêncio, as palavras para o despistar, as omissões, as nefastas consequências da falta de coordenação da polícia, em virtude da luta pelo poder.

Sciascia começou a investigar a possível ligação entre o terrorismo italiano com agências internacionais. Pergunta para Andreotti, presidente do Conselho, se ele ouviu falar sobre e ele diz *não*. Sciascia, muito irritado, questiona-o, afirmando que Enrico Berlinguer, secretário do PCI, em um encontro particular com Sciascia, disse temer essa coligação. Berlinguer acusa Sciascia de difamação, chamando como testemunha Guttuso que havia presenciado o encontro dos dois. Guttuso, que havia acabado de ser reeleito senador comunista, desmente-o. Depois de um ano, aquela acusação foi arquivada. Tudo ocorreu sem que Sciascia tivesse sido ouvido pelos magistrados. Foi um caso de injustiça. Para ele, a

"justiça era condicionada pelo poder", afirma Collura. Sciascia e Guttuso nunca mais se falaram.

Outro caso de injustiça dentro da política relaciona-se à carta enviada ao presidente italiano Sandro Pertini para tratar da prisão injusta de conhecidos seus, acusados de envolvimento com a máfia. O presidente não responde e Sciascia, mais uma vez, confirma que "democracia, liberdade e justiça se tornaram simples nomes" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.326, tradução nossa).

Assim como ocorreu com Sciascia, *Candido* representa a desilusão política do protagonista com o partido comunista. Em passagem da obra, Candido não entendia porque o secretário do partido, em suas férias, não ia à Rússia e sim à França. O estilo de vida daquele sujeito não condizia com o que pregava a ideologia comunista. A tentativa de doação de um terreno seu para a construção de um hospital e a negativa do partido, por achar que o imóvel, se vendido, daria mais frutos ao partido, ou ao bolso dos que o comandavam, também foi uma desilusão para Candido. Essas contradições, entre outras vivenciadas dentro do partido, fizeram com que o jovem se afastasse da política e resolvesse viajar para a França. Lá, assim como percebeu Sciascia, Candido foi iluminado, descobriu algo que deu sentido às suas inquietações.

3 A viagem à França

Apesar de ter passado quase toda sua vida na Sicília, Sciascia fez algumas viagens. Em 1955, foi a primeira vez que esteve em Paris. Lá, encontrou um monumento de Diderot em sua cidade natal, Bersançon, e diz: "quase sempre odeio os monumentos, mas este de Diderot na praça de Langres me chega como um belíssimo encontro." (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.142). No final de *Candido*, há um encontro entre Candido e um monumento de Voltaire, e também o protagonista se sente maravilhado. Sciascia viveu entre 1977 e 1979, em Paris, época em que escreve *Candido*. Mesmo apreciando Paris, nunca quis sair de sua terra natal.

Paris representava a terra do amor, da arte, do mistério, dos mitos, da literatura, única esperança de liberdade e leveza ainda possíveis, revela-nos Candido. Sciascia escreve Candido como forma de reescrever *Candide* de Voltaire, maneira de confrontar o padre Don Gaetano de sua obra *Todo modo*, que afirmara serem todas as obras possíveis de reescritas, exceto *Candide*.

A escolha do título *Candido ou um sonho feito na Sicília* nos revela que, por mais que a personagem, e também Sciascia, se afastassem da Sicília, isso não ocorria por completo. Era como se não conseguissem se afastar totalmente da Sicília, visto serem dois indivíduos ligados à terra, a seus lugares de origem, o que mais uma vez nos revela como a narrativa sciasciana liga-se à existência do escritor em seu país, e suas obras como forma de revelar problemas de diferentes ordens vividos pelos italianos do século XX.

Voltaire era um de seus escritores preferidos e não só reescreveu a obra do iluminista, mas o citou em seu romance, mencionou-o em alguns momentos, retirou trechos de *Candide* e mesclou com as de *Candido*, em uma interação magnífica. Para fechar o romance, ainda pôs seu protagonista diante de uma estátua de Voltaire.

4 As minas de enxofre e a guerra de Espanha em *L'antimonio*

Por mais de dois séculos, a Sicília teve o monopólio natural do enxofre; em prol disso, Sciascia sentencia: "exceto por Tomasi de Lampedusa, todos os escritores da Sicília ocidental provêm diretamente do mundo do minério" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.47, tradução nossa). Em detrimento disso, a relação do siciliano com a mineração era muito forte, a maior parte das famílias havia passado pelo minério; com a família de Sciascia, não fora diferente. Além de seu avô, seu pai e seu irmão trabalharam com o enxofre. As narrativas das desgraças, da exploração e da rotina cruel e desumana eram presentes na vida do escritor. Seu avô contava-lhe histórias sobre trabalhadores que morreram soterrados, asfixiados, afogados e envenenados nas minas. Leonardo Sciascia avô entrara na mineração com nove anos, ficando até o final de seus dias.

O crítico Claude Ambroise afirma que, para compreender Sciascia, era necessário partir dos minérios de enxofre. O próprio Sciascia revela:

a mineração representou uma grande abertura de mundo, uma grande ocasião de tomada de consciência para os sicilianos. Naquele universo fechado, [...] o minerador entrou como um personagem demoníaco: era um homem diferente [...]

que arriscava a vida todo dia, que amava embebedar-se, comer bem e iniciar brigas; que gastava tudo o que ganhava; e que introduziu brutalmente uma nova forma de ver a vida. (AMBROISE, 1990, p.47, tradução nossa)

As observações de Sciascia o fizeram perceber que o fato de terem a vida por um fio havia modificado o sentido dado pelos mineradores ao tempo. Não se preocupavam com o futuro, pois era incerto; preocupavam-se apenas com o presente. Desse imaginário, Sciascia criou outros vários em suas obras, muitas foram as personagens que ali circulavam. Em *La Corda Pazza* (1970), por exemplo, há um capítulo dedicado ao minério de enxofre.

No conto *L'antimonio* (1958), as minas de enxofre fazem parte de sua composição espacial, pois o protagonista Calogero, no início da narrativa, quase morre envenenado e queimado na mina em que trabalhava. O pai de Calogero, inclusive, havia morrido queimado na mina. Essa palavra *antimônio* refere-se a um semi-metal que se parece com os metais no aspecto e nas propriedades físicas, mas quimicamente não possui o mesmo comportamento. O antimônio ocorre junto com o enxofre e isso explica a relação com as minas mencionadas por Sciascia. Após sua quase morte, Calogero resolve abandonar aquele trabalho e, sem outras oportunidades e precisando sustentar sua família, resolve candidatar-se para lutar na Guerra de Espanha. As propagandas de sucesso dessa guerra eram comuns na Sicília e o protagonista sai de seu país com uma ideia do que fosse o fascismo e Mussolini. Depois da experiência da guerra, sua opinião muda.

A Guerra Civil Espanhola, sucedida entre 1936 e 1939, é considerada um dos conflitos mais dramáticos pré-Segunda Guerra Mundial. A guerra aconteceu entre os grupos de esquerda e sindicatos, que defendiam a democracia, e as forças fascistas e nacionalistas, ligadas à Igreja, Exército e proprietários de terra. Estas instituições tradicionais desejavam afastar a Espanha do comunismo, resgatando valores tradicionais como o catolicismo e o autoritarismo. Para tanto, era necessário derrubar a República.

O sucesso de Hitler na Alemanha e de Mussolini na Itália encorajou os grupos fascistas espanhóis a conspirar contra o governo e, assim, derrubar a República e instituir suas ideias. Em julho de 1936, o general Francisco Franco lançou o seu exército contra o governo. No conto de Sciascia, Calogero menciona datas de batalhas e de acontecimentos históricos como se realmente os tivesse vivenciado. Na guerra, vê a crueldade de Franco, a quantidade de prisioneiros fuzilados, a barbárie de um confronto entre civis, muitos camponeses e mineradores pobres como eles, e os soldados de Franco, sendo que Calogero

se via lutando contra sua própria classe. As incoerências políticas e a brutalidade vista e vivida na carne são elementos centrais para o processo de amadurecimento do protagonista.

Nesse momento, a Espanha ficou dividida em áreas republicanas e áreas nacionalistas. O poder do exército de Franco auxiliou o desfecho da guerra, com a tomada de todo o país e o início do regime totalitarista, chamado de Franquismo, que durou até 1975. Para conseguir tal feito, Franco obteve ajuda militar de nazistas e fascistas, o que está atrelado ao envio de pobres italianos do Sul da Itália para combater na Espanha em troca de comida. Ao final da guerra, havia entre 330 e 405 mil mortos.

A Guerra da Espanha abriu os olhos de Sciascia e tornou definitiva a sua aversão pelo fascismo. O mesmo acontece com Calogero, o que explica a afirmação de teóricos italianos, como Traina e Ambroise, de identificarem elementos autobiográficos entre o protagonista e Sciascia.

Quando começa a carnificina entre irmãos, entre filhos da mesma terra, Sciascia estava em Caltanissetta, estudante empenhado politicamente. Fora, por isso, recrutado com outros amigos pelas ideias consideradas comunistas e considerado ativista clandestino do antifascismo.

A guerra da Espanha modificou Sciascia, ele próprio afirma: "e tinha a Espanha. E os olhos começaram a abrir. Mas o mundo era um túnel escuro onde os homens enfileiravam suas consciências. Não todos, porém, e a **luz** podia chegar de qualquer coisa, de qualquer experiência" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.97, grifo nosso). Do mesmo modo, também Calogero mudou e tomou consciência disso e de como o homem pode mudar seu olhar para si e para o mundo a partir de diferentes experiências. Isso é notório quando Calogero afirma que todas as coisas são como livros, basta querer abri-las e lê-las rumo à mudança; para tanto, o homem precisava movimentar-se na busca pela mudança.

Essas palavras de Sciascia dentro e fora da obra remetem à formação, a esse conceito em que a consciência recebe uma luz (a verdade, a razão) a partir de qualquer experiência do inesperado, do cotidiano. Ele usa a palavra **luz**. É uma palavra comum nos romances de formação, essa transformação, esse novo olhar, essa nova consciência que muda a personagem, que a transforma. É como se naquele momento de luz, saísse da caverna⁴⁹ e

⁴⁹Aqui fazemos menção à alegoria da caverna de Platão, momento em que o homem deixa de ver as sombras das coisas e passa a enxergar a verdade, bastava sair da caverna. A formação seria o sair da caverna; o impulso do homem de sair da caverna e se deparar com a verdade. Vale lembrar quanto a palavra verdade é

pudesse ver com seus próprios olhos a verdade. O distanciamento de um lugar, de alguém, traz outro olhar sobre a coisa em si; sobre si próprio; uma relação com o passado que leva a outras percepções da mesma coisa, que não é a mesma, já modificada. No caso em tela, falamos da formação do próprio autor. O melhor observatório das coisas sicilianas, para Sciascia, continuava a ser a sua própria cidade, Racamulto, até mesmo se dela estivesse longe.

No conto *L'antimonio*, Sciascia fala sobre a guerra da Espanha; sobre aqueles que morriam na guerra para não morrer de fome na Itália. O escritor considerava Mussolini um mentiroso, quando, em rede nacional, o ditador declarou que havia chegado um momento feliz da história da Sicília. Sciascia retrucou: "como feliz, enviando homens com fome para morrer na Espanha?" (SCIASCIA *apud* COLLURA, 2007, p.97, tradução nossa). Assim também está em inúmeras passagens do conto, quando os interesses de Mussolini com aquela participação na Guerra Civil Espanhola são questionados, como na seguinte fala de Calogero: "Mussolini não seria perdoado de forma alguma por muitas coisas, mas sem dúvida uma delas seria ter levado camponeses e mineradores famintos para morrer na guerra". Em outra passagem, a personagem Ventura, de maneira irônica, responde, como se fosse Mussolini, à fala louvatória de um soldado sobre o *duce*: "bravo, continue a trabalhar nessa pequena guerra; eu estou preparando outra, talvez maior" (SCIASCIA, 2009, p.226, tradução nossa).

4 Conclusão

Como apresentamos nesse artigo, tanto em *Candido* quanto em *O antimônio*, temos, na construção do enredo e das personagens, experiências, observações e fatos históricos vividos e/ou observados por Leonardo Sciascia. O próprio autor deixou muito claro seu compromisso com as angústias de seu povo; e fazia de sua arte literária uma forma de revelá-los. Ler Sciascia é perceber o quanto as injustiças e as mentiras de grandes instituições o inquietavam e o faziam mover sua máquina de escrever para revelá-las ao mundo.

repetida por Sciascia. A personagem *Candido*, inclusive, nasce em uma caverna. Acreditamos que essa escolha esteja relacionada à alegoria platônica.

Sciascia, movido pelo empenho em revelar a verdade ao seu leitor, constrói cenários em que é notória a semelhança com pessoas, instituições, lugares, crenças, ideologias de sua época. Tendo o leitor consciência disso, saberá que essa semelhança era a forma de transformar seu leitor em testemunha daquilo que realmente acontecia em sua cidade, região ou país, por isso a importância de tratarmos sobre esse contraponto nesse artigo.

Referências

AMBROISE, Claude. **Invito alla lettura di Sciascia**. Milano: Mursia, 1974.

_____. **Il libro nel libro**. IN: FONDAZIONE Leonardo Sciascia. **La Sicilia, il suo cuore**: omaggio a Leonardo Sciascia. Palermo: Kalós, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COLLURA, Matteo. **Il maestro di Regalpetra: vita di Leonardo Sciascia**. Milano: TEA, 2007.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 107-111.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Poética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

DI GRADO, Antonio (org). **Leonardo Sciascia e la tradizione dei siciliani**. Caltanissetta: Salvatore Sciascia Editore, 2000.

ECO, Umberto. **A definição de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SCIASCIA, L. **Candido, ovvero un sogno fatto in Sicilia**. Torino: Einaudi, 1977.

_____. **Gli zii di Sicilia**. Milano: Adelphi, 2009.

_____. **A ciascuno il suo**. Milano: Adelphi, 2000.

_____. **Le parrocchie di Regalpetra**. Milano: Adelphi, 1991.

TRAINA, Giuseppe. **La soluzione del Cruciverba**. Caltanissetta: Salvatore Sciascia Editore, 1994.

VOLTAIRE. **Cândido ou o Otimismo**. Trad. Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

THE EXISTENTIAL COUNTERPOINT BETWEEN LEONARDO SCIASCIA AND HIS CHARACTERS CANDIDO AND CALOGERO

Abstract

The sicilian author Leonardo Sciascia is known by the italian critics as the man who lives for his art: the literature. He made it a way to revel struggles faced by Southern Italians. He himself, a miners's son an grandson, witnessed what thirst of power could do to a country, a city. His narratives tell us about his fellow countrymen as characters "awaiting for an author" who could make them alive o literary pages. In the biography *Il Maestro de Regalpetra*, Collura wrote that his romances and tales show his existence. Based on it, this article aims to study two major Sciascian characters: Candido, from *Candido ovvero un sogno fatto in Sicilia*; and Calogero, from *L'antimonio*, focusing the existencial counterpoint between them and the writer Leonardo Sciascia.

Keywords

Biographyc approaches. Leonardo Sciascia. Character construction.

Recebido em: 25/03/2019
Aprovado em: 11/09/2020